

Ruy Cinatti – um timorense?

Dentre os principais objetivos dos *Cadernos de Poesia*, destaca-se o de preconizar sua independência em relação a quaisquer escolas ou movimentos literários. Influenciados pelo conceito de poesia moderna, os poetas dos *Cadernos* buscavam uma poesia comprometida com o conflito social, que só existe enquanto condição humana e nasce de um compromisso existencial entre o ser humano e o mundo que o cerca. Nesses objetivos se inclui, portanto, a poesia de Cinatti, que: "Ética e estética são indissociáveis; vida e poesia têm a exigência de compromissos a assumir, o que se torna patente nas causas diversas que Cinatti elegeu e fez tema de sua obra"¹.

Somada a essa preocupação com as questões que envolvem o ser humano, a obra poética cinattiana é também impregnada por sua concepção cristã de mundo, que prega a igualdade e a fraternidade entre os homens, seguindo os desígnios de São Francisco de Assis e o ensinamento bíblico "Amai-vos uns aos outros e ao próximo como a ti mesmo". Pode-se então dizer que, em Ruy Cinatti, "[v]ida e obra afinam por um diapasão religioso"², ou seja, a religião e o entendimento cristão do mundo não são apenas a base, mas também elementos essenciais para a sua compreensão do universo. Essa maneira de compreender o universo consiste na inter-relação e na integração dos seres. A natureza e o universo dependem dessa interseção. Nas palavras de Leonardo Boff:

A natureza e o universo não constituem simplesmente o conjunto dos objetos existentes como pensava a ciência moderna. Constituem, sim, uma teia de relações, em constante interação, como os vê a ciência contemporânea. Os seres que interagem deixam de ser apenas objetos. Eles se fazem sujeitos, sempre relacionados e interconectados, formando um complexo sistema de inter-retro-relações. O universo é, pois, o conjunto das relações dos sujeitos.³

¹ BORGES, Maria João. "Cinatti: a poesia como investidura". Revista Ler. p, 68, 1997.

² Idem. p, 68.

³ BOFF, Leonardo. *A águia e a galinha*. p, 74.

Essa consciência do universo como espaço das relações entre os sujeitos é latente na obra cinattiana. Nas questões ecológicas/humanas observadas nos seus poemas e textos científicos, fica bem clara a noção de que no universo tudo é complementar.

As relações dos homens entre si, bem como a relação do homem com a natureza sempre ocuparam posição de destaque nos estudos que Cinatti realizou. As viagens de reconhecimento que fez pelo território timorense são um exemplo de tais relações. Como cientista, percorreu toda a ilha, recolhendo material para as teses que escreveu sobre Timor. Em um fragmento de carta endereçada a sua avó, escreve:

Como lhe disse na última carta passei a semana passada no enclave de Ocussi, visitando a circunscrição, as suas florestas e montanhas, em passeios de 8 a 9 horas a cavalo! Gosto muito desta vida e faz-me muito bem à saúde do corpo e do espírito. Para a semana é possível que vá para o extremo leste, para Lautem, fazer a mesma vida.⁴

Devido a estas viagens, Ruy Cinatti passa a conhecer a ilha muito bem, e a percorre de ponta a ponta, realizando pesquisas elaboradas sobre o local. O resultado mais significativo dessas excursões pela ilha é a sua gradual aproximação com os nativos. Tais viagens figuram como um fascinante encontro com o outro e, a partir da personalização do contato entre "explorador" e "explorado", o exótico desaparece, as diferenças diluem-se. Ao conhecer os timorenses de perto, o modo como vivem, suas preocupações e sentimentos, Cinatti "quebra" as diferenças e aquele povo, tão desconhecido até então, passa a ser extremamente próximo e familiar. O convívio direto e acentuado com o timorense desperta a simpatia e, sobretudo, o carinho por este povo tão receptivo.

Nas excursões pelo interior tive ocasião de conviver directamente com o timorense, de aceitar a sua hospitalidade nunca negada sempre multiplicada em numerosos requintes. Era natural que o sentimento me levasse a falar dele com carinho.⁵

⁴ CINATTI, Ruy. Apud. STILWELL, Peter. op. cit. p, 185.

⁵ Idem. p, 186.

Ao estreitar suas relações com os nativos, Ruy Cinatti preocupa-se cada vez mais com a situação destes. As condições humanas e sociais destas pessoas passam a ser uma de suas grandes preocupações. Em uma carta ao governador Óscar Ruas, datada de 1948, Cinatti já revelava sua indignação com a situação do timorense:

O facto de se apresentarem contas certas não quer dizer que os indígenas não passem fome, que os salários sejam irrisórios, que um preso esteja em melhores condições que um homem livre, que a autoridade gentílica seja desautorizada, etc., etc., etc. O que está certo no papel pode estar erradíssimo na realidade. Como sempre vai-se tocar na questão moral. As aparências harmoniosas são mais prejudiciais que as realidades desordenadas.⁶

Anos mais tarde, mais precisamente em 1952, revolta-se contra os quadros da administração colonial, ao tomar conhecimento da escravização dos timorenses para a construção dos campos de aviação. Escreve uma carta ao então governador Serpa Rosa, demonstrando sua indignação perante tal fato:

Parece que o Senhor Administrador Manuel Dias Peão se prontificou a construir um campo de aviação (...). Com esse fim em vista, não hesitou um momento, nem os escrúpulos impediram a escolha reflectida dos meios para o conseguir. Os levantamentos realizaram-se; homens, mulheres e crianças – velhos e novos - foram vistos em levadas sucessivas, dia e noite, em condições precárias de alimentação e sob a ameaça contínua de rija bordoadas. Quando as deserções começaram a efectivar-se, o Senhor Administrador Manuel Dias Peão actuou como verdadeiro capataz de senhor de escravos. (...) ameaçou as famílias dos desertores de represálias sobre os corpos e os haveres se aqueles se não apresentassem; e, uma vez apanhados e "depurados", carregou-os de cadeias, uniu-os de tornozelo a tornozelo e duplicou-lhes os trabalhos "livremente oferecidos".⁷

Essa preocupação com as condições do indígena refletem-se também na sua poesia. No poema "Propósito inadiável", o poeta trata da miséria do "pobre timorense esqualido", que é obrigado a beber "água do pântano / onde escoam lixos". O sentimento descrito pelo poeta é de mágoa. As condições em que o timorense se encontra deixam-no profundamente triste.

⁶ Idem, p. 190.

⁷ Ibidem, p. 191.

Propósito inadiável

O que magoa é ver o pobre
timorense esqualido beber
água do pântano
onde escoam lixos,
comer poeira
e saudar-me, quando
rodo na estrada,
deus ocioso.⁸

O poeta denuncia o egoísmo dos governantes, que não se importam com as péssimas condições dos indígenas, preferindo fugir a tentar melhorar a vida dos nativos. Nota-se também a sua afinidade com "o timbre limpo / das almas dos timorenses", que o conheciam e sabiam quem ele era, ao contrário dos portugueses, que não o souberam avaliar, ao não utilizarem o seu conhecimento profundo da ilha e de seus moradores para uma melhoria da administração colonial.

Fugir é melhor que prometer
esperança em melhores dias.
Fugir é reter
o discurso limite
travado pela vírgula
da dúvida maníaca.

[...]

Afino-me pelo timbre
limpo das almas
dos timorenses esqualidos
que me soletram vivo.⁹

No entanto, apesar de não concordar e, mais do que isso, condenar a administração portuguesa em Timor, o poeta tem consciência da sua condição de português/colonizador, tanto que, no final do poema, com esta morte simbólica de si mesmo/o português, ele prenuncia a única forma de libertação daquele povo.

E sigo,
limpo na alma e no rosto,
sujeito à condição que me redime.
Os Timorenses só terão razão

⁸ CINATTI, Ruy. op. cit. p, 263.

⁹ Idem. p, 264.

quando me matarem.¹⁰

Nas entrelinhas, pode-se ler uma crítica á dominação que a metrópole impõe às colônias, e também àqueles que querem sempre tirar proveito do "mais fraco" em seu favor. Este poema preza a igualdade de direitos e o respeito pela pessoa humana. Vitorino Magalhães Godinho declara, acerca deste poema, que:

Cada homem seja considerado pelos outros um fim em si próprio e nunca um instrumento a serviço deles, jamais um meio na prossecução de fins que lhe sejam extrínsecos. E correlativamente: que ninguém se rebaixe a instrumento manejável pelos outros ao bel talante deles. Tal correlação implica a cooperação em pé de igualdade, repelindo quer o egoísmo quer a vontade de dominar. Donde se conclui que a pretensão à chefia é sempre um desrespeito pela pessoa humana. É essa descoberta de que os outros não passam de objetos manuseáveis, em determinadas condições sociais, que fere, por exemplo, o poeta a deambular por Timor.¹¹

Seu engajamento nas questões sociais, bem como a sua crítica à dominação colonial pode ser ilustrada também pela questão da *lipa*, que é um pano tradicional usado em volta da cintura pelos timorenses do sexo masculino. O governo de Díli havia decretado a proibição do uso deste pano no ano de 1954. Ruy Cinatti faz então um protesto condenado tal medida e envia-o para Lisboa. No documento, a indignação do autor com relação à prepotência e a arbitrariedade desta medida está bastante clara. Cinatti justifica o uso da *lipa*, ressaltando seu caráter prático e artístico. O autor parte em defesa da manutenção e, principalmente, do respeito pela cultura do timorense. Segundo sua opinião, esta proibição:

[...] denota a prepotência deste Governo, o completo desrespeito pela dignidade de atingidos e não atingidos, e uma imprevidência política que, em conjunto com outras do mesmo género, pode vir a ter conseqüências perigosas para a nossa soberania, (...). Sob pretexto de que a *lipa* era imprópria do sexo, deu-se foros de lei a uma arbitrariedade que, em última análise, evidencia total ignorância das condições locais e da cultura dos povos (...). Esqueceram-se, no entanto, que o timor usa calção debaixo da *lipa* e que esta serve, não apenas para adorno que a tradição legitimou, mas sobretudo para os fins práticos de proteger o corpo contra o sol, contra a chuva, contra os frios da noite ou da montanha, contra os mosquitos, e até contra os espinhos do mato.¹²

¹⁰ Ibidem.

¹¹ GODINHO, Vitorino Magalhães. Apud CINATTI, Ruy. op. cit. p, 558.

¹² CINATTI, Ruy. Apud STILWELL, Peter. op. cit. p, 220.

Devido à afinidade que possuía com os nativos, assim como o companheirismo que se estabeleceu entre ele e os ilhéus, este passa a ser um defensor das causas timorenses. Com uma crítica impregnada de preocupação social, publica, em 1956, um manifesto intitulado "Em favor do timorense", cujo objetivo principal era contestar a opinião geral que os metropolitanos tinham acerca deste povo.

Contra a opinião, mais ou menos corrente, de que o Timorense é preguiçoso, arredo a qualquer esforço a que não seja forçado e pouco afeito a estímulos progressivos, oponho indirectamente a opinião de que o metropolitano é desordenado, rotineiro, fantasioso, derrotista, pouco afeito a estímulos que não tenham por base o dinheiro e arredo, também, a qualquer esforço que não redunde em interesse imediato.¹³

Para Cinatti, Timor é um espaço de conhecimento e aprendizado de si mesmo e dos outros, e a sua poesia pode ser encarada como o testemunho dessa nova experiência. Isto faz com que esta ilha, tão longe de Portugal, assuma um lugar especial para o autor. Para Jorge de Sena, o Timor de Ruy Cinatti:

Não é, porém, nele, uma paisagem literária, ou um daqueles mundos a que os poetas se agarram para criar-se uma pequena mitologia própria; é mais: um objecto em que se concretiza a aproximação do poeta consigo mesmo e com a vida humana dos outros.¹⁴

Ruy Cinatti tinha um sentimento de compaixão para com Timor e os timorenses. Compaixão, entretanto, não no sentido de ter pena, mas no sentido de *compartilhar* o que o outro sente e pensa. De fato, Cinatti compartilhava os sentimentos dos timorenses e esta compaixão, e todo o seu comprometimento com as questões que envolviam a ilha e seus habitantes, fez dele um homem especial aos olhos dos nativos, tão especial que foi aceito como um irmão. O pacto de sangue que fez com dois chefes timorenses é o ritual que celebra essa aceitação. Os dois homens, ao celebrarem o pacto, transformam-se num só. O ritual une-os, tornando-os aliados. O sol e a lua, elementos carregados de simbolismo, são as testemunhas desta união.

¹³ Ibidem.p, 556.

¹⁴ SENA, Jorge de In. CINATTI, Ruy. op. cit. p, 485.

Ruy Cinatti assinala em *Para uma corografia emotiva de Timor*, que "[o] juramento de sangue, a que ambos prestámos de mútuo acordo, foi celebrado pelo segundo cântico, originalmente em *fataluku*, língua do extremo leste de Timor". Em seguida, transcreve o cântico:

Nobres há muitos. É verdade.
Verdade. Homens muitos. É muito verdade.
Verdade, que com um lenço velho
as nossas mãos foram enlaçadas.

Nós como aliados, eu digo.
Panos, um só, tal qual afirmo.
A lua ilumina a minha face.
O sol ilumina o aliado.

Água de Héler! Pelo vaso sagrado!
Nunca esqueça isto o aliado.
Juntos, combater, eu quero.
Com o aliado, combater, eu quero!

A lua ilumina a minha face.
O sol ilumina o aliado
Poderemos, talvez, ser derrotados
ou combatidos, mas somente unidos.¹⁵

Em *Paisagens Timorenses com Vultos*, Ruy Cinatti descreve mais detalhadamente este ritual, onde se percebe a importância dos elementos naturais como fonte da energia que irá unir os dois homens:

Corta-se um dedo, mete-se dentro de um copo com tuasabo, aguardente de palmeira, e depois bebe-se. Há um sacerdote gentio que diz "*Maromak feto ! Maromak mane !*", que quer dizer: "a energia que atravessa o sol fêmea, a energia que atravessa o sol macho". A seguir, tal como sucede na consagração a um bispo, as mãos unidas e um lenço enrolado à volta delas, canta-se um poema: nós dois somos amigos, se vencermos somos iguais, se formos derrotados somos iguais, tu bebeste a água da ribeira dela, eu também bebi a água da ribeira dela.¹⁶

¹⁵ CINATTI, Ruy. op.cit., p 549.

¹⁶ CINATTI, Ruy. Apud STILWELL, Peter. op. cit. p, 302.

Ao ser aceito pelos timorenses como um irmão, um aliado, Ruy Cinatti transcende o papel de cientista/explorador/colonizador e passa, por juramento de sangue e, portanto de fidelidade, a fazer parte daquela comunidade, daquele povo. Assumindo Timor como nova pátria, torna-se português e timorense. A identidade timorense tem, entretanto, um significado particular, pois é escolhida pelo espírito e pelo coração. Sophia Andresen ressalta o significado desse ritual de união e conseqüente aceitação:

Ao longo dos dias, ao longo dos anos, muitas vezes falei de Timor com o Ruy. Contou-me como celebrara o pacto de sangue com o chefe de uma família timorense e como por isso, segundo a lei ancestral de Timor, se tornara ele próprio um timorense. De facto para ele Timor era uma verdadeira pátria. Para mim era uma ilha encantada no Extremo Oriente, mas para ele uma pátria – o lugar onde encontrara o seu destino.¹⁷

No animismo, crença tradicional do Timor, os elementos naturais, como as pedras, as árvores, especialmente as de grande porte, as ribeiras, as florestas são objetos de culto, já que são *lulik*, ou seja, sagrados; tudo que é *lulik* tem alma, como as pessoas. O ser supremo é Deus, chamado em tétum (língua original timorense), *Maromák*, que etimologicamente significa "o brilhante". Este ser supremo, no entanto, não é normalmente objeto de culto, que se dirige aos antepassados e aos objetos naturais ou artificiais considerados portadores de poderes sobrenaturais. Ruy Cinatti, sustentando uma relação harmônica entre o homem e a natureza, atribuía aos elementos naturais um valor simbólico e sagrado. Devido a essa singular capacidade de conceber a natureza como *lulik*, os timorenses enxergaram-no e aceitaram-no como irmão. Os laços de fraternidade estabelecidos entre o poeta e a ilha consolidaram-se cada vez mais e os timorenses respeitaram-no profundamente. Em uma carta a um professor seu de Oxford escreve:

Estou muito feliz em Timor. (...). Esta ilha é um paraíso antropológico, completamente ignorado e demasiado vasto para um homem só (...). Encontrei três lugares com pinturas rupestres, qualquer dos três no extremo leste da ilha, distrito de Lautem, posto administrativo de Tutuala (...). Tudo somado estou muito feliz e não voltarei à Europa dentro dos próximo seis meses. Os

¹⁷ In excerto do prefácio a *A Janela de Timor*. Disponível em www.ruialme.pt.

Timorenses são meus amigos e um deles disse que eu era como Deus. ("*Sr. Eng. à nèsa Maromák*")¹⁸

Como ressalta Peter Stilwell, essa observação do timorense corresponde à forma tradicional de tratar um ancião, manifestando respeito pela sabedoria e a justiça da divindade suprema.¹⁹ Esta declaração do amigo timorense só reforça a profunda relação de amizade e cumplicidade que se criou entre Cinatti e os nativos da ilha.

Estas idéias estão bem representadas no poema "Premonição". Tanto a integração do poeta com a natureza, revelada pela subida ao monte, como a atenção que dispensava às questões timorenses, revelada pela sua cumplicidade com "as praias e horizontes", são belamente ressaltadas em seus versos.

Premonição

Hei-de chorar

as praias mansas de Tíbar e Díli,
as manhãs, mesas de bruma, de Lautém,
os horizontes transmarinhos de Dáre,
as planícies agrícolas
de Same e de Suai.²⁰

A subida ao monte Tata-Mai-Lau tem um significado simbólico. Ao subir ao monte mais alto, o homem consegue enxergar a verdade das coisas, já que: "A ascensão da montanha (...) o desejo do divino: chegado a este ponto da sua evolução, o homem busca na Natureza o sentido misterioso da sua vida."²¹ Ao chegar ao topo de uma montanha, o homem evolui e, a partir de então, começa a ser capaz de desvendar o mistério da vida. Sobre o Tata-Mai-Lau, Cinatti escreve que: "O próprio nome Tata-Mai-Lau, cuja tradução evidente será a de 'Pico do Avô', na acepção de mais alto ou de antepassado mais antigo, congrega os predicados positivos e negativos do conceito de sagrado (...)"²². Os montes são sagrados para os timorenses e o Tata-Mai-Lau, por ser o "Pico do Avô", tem uma

¹⁸ CINATTI, Ruy. Apud, STILWELL, Peter. op. cit. p, 302.

¹⁹ STILWELL, Peter. op. cit. p, 302.

²⁰ CINATTI, Ruy. op. cit. p, 562.

²¹ CINATTI, Ruy. *Impressões de uma viagem pelos territórios portugueses da África Ocidental*.

p,6.

²² CINATTI, Ruy. *Obra Poética*. p, 562

simbologia própria, que denota sabedoria suprema. É por esse motivo que o poeta deve subi-lo para enxergar a verdade.

Ao Tat-Mai-Lau,
o Avô dos montes,
hei de subir
- e descer à chã verdade
que todos negaceiam,
a verdade – minto! – que já tardam
os que por Timor não se esqueceram,
pecando por atraso,
malícia tibieza.
Timor e Timorenses isolados!²³

A situação de Timor no quadro político mundial era também uma de suas preocupações principais. A fim de se compreenderem as posições políticas que Cinatti adotou, é fundamental que se faça um breve panorama histórico da política de Timor Leste; para isto é necessário que se fale também da Indonésia e de sua independência da Holanda.

Dominada pela Índia no início da Era Cristã e islamizada a partir do século XV, a Indonésia foi ocupada por portugueses que estabeleceram centros comerciais no século XVI. No século seguinte foi conquistada pelos holandeses, tornando-se uma colônia da Companhia das Índias Orientais Holandesas.

Durante a Segunda Guerra Mundial, mais precisamente em 1942, o Japão ocupou a Indonésia. Em 1945, o líder nacionalista Sukarno proclamou a independência desta. Os holandeses tentaram restabelecer o domínio colonial, mas, depois de quatro anos de guerrilha e da ameaça de retaliação econômica por parte dos Estados Unidos da América, reconheceram-lhe a independência em 1949.

A Indonésia independente começou uma política expansionista, reclamando em primeiro lugar os restos de influência inglesa e holandesa no sudeste asiático. Em agosto de 1962, as Nações Unidas referendaram a anexação da Nova Guiné Ocidental e do oeste da ilha de Timor que, por sua vez, também reclamava sua parte oriental.

²³ Idem. p, 475.

Ruy Cinatti alertou para uma possível invasão indonésia de Timor, avisando do perigo que o governo de Sukarno representava para o território timorense. Para ele, "Timor continua a ser fruto cobiçado pela Indonésia, e será, decerto, o objecto seqüente à resolução do problema da Nova Guiné Holandesa."²⁴.

Com o intuito de evitar o processo de descolonização que já vinha afetando as outras potências europeias, Portugal modifica, em 1951, sua Constituição da qual desaparecem as palavras "colônia" e "Império", substituindo-as por "províncias ultramarinas" e "ultramar". A parte oriental de Timor passa então a ser uma "província ultramarina" de Portugal a partir de 1957. Esta situação permanece até 1974, ano da Revolução dos Cravos, a qual foi empreendida por um grupo de militares que pôs fim ao regime totalitário de Salazar, em vigor havia mais de quarenta anos em Portugal. A partir desta revolução, acentuou-se o processo de descolonização dos territórios administrados pelos portugueses, provocado pelas guerras de resistência ao governo, especialmente nos países africanos, como Guiné Bissau, Moçambique e Angola. O objetivo dessas revoltas era que os portugueses reconhecessem a independência desses territórios.

Ao contrário do que sucedera nas outras colônias, em Timor Leste não havia um movimento armado contra a presença portuguesa. A revolta mais acentuada foi a do povo maubere em 1959, logo abafada pelos colonizadores.

Em 1975, a invasão indonésia de Timor, já prevista por Ruy Cinatti, efetivamente ocorre. Depois da retirada de Portugal, a Indonésia, a essa altura governada pelo regime anticomunista de Suharto, ocupa o território timorense, anexando-o em 17 de julho de 1976 e transformando-o em sua 27ª província.

Os portugueses pretendiam, entre 1974 e 1975, reconhecer a independência de Timor Leste. Entretanto, havia quem defendesse uma autonomia mais alargada, e havia quem fosse a favor de uma integração à Indonésia. De acordo com Ian Martin:

²⁴ CINATT, Ruy. Apud. STILWELL, Peter. op. cit. p, 216.

A "Revolução dos Cravos" em Portugal abriu uma nova era para as colónias portuguesas. Portugal reconhecia agora as obrigações definidas no Capítulo XI (da Carta das Nações Unidas) e, em Julho de 1974, foi aprovada uma lei revogando a definição anterior de "província ultramarina" e aceitando o direito das colónias à autodeterminação, incluindo a independência.²⁵

Ruy Cinatti, como profundo conhecedor de Timor, defendia a autodeterminação, pois acreditava que o povo timorense ainda não estava preparado para a independência total. Segundo José Leon Machado:

O poeta Ruy Cinatti, um dos poucos portugueses que conhecia bem o território, quer geográfica, quer socialmente, era a favor da autonomia porque, entendia ele, o povo timorense ainda não estava política e economicamente preparado para a independência. Face àqueles que defendiam uma integração na Indonésia, afirmava que os Indonésios estavam, muito menos do que os portugueses, à altura de prestar o auxílio econômico que Timor tanto necessitava.²⁶

Entretanto, para Cinatti, o processo de autodeterminação torna-se inviável sem um esclarecimento da população acerca da questão, já que isto é fundamental para que o povo timorense comece a acreditar numa real independência. Sobre esta questão, o autor afirma que:

A autodeterminação é um direito que não se discute desde que esclarecido antes de amado. Ou simultaneamente amado e esclarecido.

Viva pois a autodeterminação de Timor e dos Timorenses (que são 600 000 e não umas centenas de infantes), se mais não fosse porque me ligam aos Timorenses dois juramentos de sangue, actos jurídicos que me vinculam ao espírito que os determinou.²⁷

Sobre a integração à Indonésia, Ruy Cinatti mostra-se radicalmente contra, alegando que este país jamais terá as mesmas condições que Portugal de administrar Timor. Àqueles que defendem esta idéia, manda um recado:

Acaso se esquecem esses jovens entusiastas de que Timor foi sempre uma província deficitária e que o incremento da população só virá a agravar o condicionalismo local por melhores que sejam as infraestruturas a prover?

Acaso se esquecem de que a Indonésia, por demais assoberbada com o seu vasto mundo, nunca poderá prestar o auxílio que Portugal, bem ou mal, lhe tem prestado? Ou que – grave dilema – nunca daria assentimento a uma independência

²⁵ MARTIN, Ian. *Autodeterminação em Timor Leste*. p, 37.

²⁶ MACHADO, José Leon. *Timor Loro Sae e o pós-colonialismo*. p, 5. Disponível em www.ipn.pt.

²⁷ CINATTI, Ruy. op. cit. p, 563.

que, unidas fatalmente as duas partes da ilha, abriria precedente, há muito desejado, por não poucas parcelas do somatório indonésio?

Acaso se esquecem ainda do que é o Timor indonésio sob o domínio, não de Timorenses, mas de Javaneses tão altaneiros como os Castelhanos em relação às restantes etnias espanholas? Ou que os Timorenses indonésios atravessam a fronteira em busca do pão que lhes falta ou do tratamento sanitário de cujos serviços são deficientes?²⁸

O poema "Realismo Político" reflete essas posições adotadas por Cinatti. Em poucas estrofes, o poeta expressa seu ponto de vista com relação à autodeterminação e à independência de Timor, que deve ser conquistada pelo seu povo:

Realismo Político

Se os Timorenses quiserem ser Indonésios,
passem para o outro lado.

Se os Timorenses quiserem ser Portugueses,
têm-me ao seu lado.

Se os Timorenses quiserem ser independentes,
Construam-se!²⁹

Uma revolução traz consigo mudanças na estrutura política e social, bem como transformações na mentalidade das pessoas. Entretanto, isto não ocorre de imediato. É bastante difícil a assimilação de novos tempos. Estas questões são abordadas no poema "Programação", no qual Ruy Cinatti mostra-se irado com o descaso das autoridades portuguesas com relação a Timor. Através desse poema-manifesto, o poeta tenta acordar aqueles que ainda não atinaram para as mudanças. Como profundo conhecedor dos timorenses, não admite que qualquer um venha governar Timor; exige "um homem bom,/ viril,/ previdente", que saiba ouvir os que conhecem a ilha e, assim, dar a Timor o valor que ele sempre soube reconhecer.

²⁸ Idem.

²⁹ Ibidem. p, 478.

Programação

Depois do vinte e cinco de Abril
 nada mudou
 porque os homens não mudam de um dia
 para o outro.
 E assim assisto
 - exemplo, o de Timor no qual me sinto –
 à mesma económica postura
 de que Timor
 de nada vale
 e que portanto qualquer tipo serve
 p'ra Timor governar por mais uns anos.
 Eu digo não!
 porque era outro antes e depois
 dos vinte e cinco de Abril
 e conhecendo os Timorenses melhor que
 ninguém
 (modéstia, rua!)
 exijo um homem bom,
 viril,
 previdente,
 que faça de Timor orgulho meu
 ouvindo os outros
 que melhor conhecem.³⁰

Pode-se dizer que a sua posição política com relação a Timor antes, durante e depois da Revolução dos Cravos é definida, entre outros fatores, pela ligação fraternal que estabeleceu com a ilha e seus habitantes. O livro *Timor-Amor*, do qual fazem parte esses últimos poemas aqui destacados, foi escrito em 1974, ano da Revolução e nele nota-se claramente o engajamento do autor com as questões políticas, a começar pelo sub-título, que diz:

OU DE COMO SENTINDO O QUE FUI VENDO E OUVINDO
 PROCLAMO ALTO & BOM SOM O QUE PENSO
 NESTE MOMENTO HISTÓRICO EM QUE TODOS DEVEM
 SENTIR, OUVIR, VER, MEDITAR PARA PODER AGIR.
 TUDO REDIGIDO EM ESTILO POÉTICO PELO DITO.³¹

³⁰ Ibidem. p, 476.

Na dedicatória do livro: "Aos metropolitanos malatentos / Aos timorenses desatentos"³², nota-se que a intenção do poeta é alertar as pessoas, fazer com que reflitam, meditem acerca da situação do Timor e se empenhem em fazer algo pela restauração e determinação do território que tanto amou.

Apesar das inúmeras barreiras que encontrou na luta pela determinação do território timorense, os ideais pelos quais se empenhou parecem não ter sido vãos. Em 30 de agosto de 1999, por pressão da ONU e da opinião pública nacional, os timorenses finalmente tiveram o direito de votar pela autonomia ou pela integração à Indonésia. Nas urnas, decidiram-se pela autonomia. Com isso, depois de muita luta e inúmeras vidas perdidas, finalmente Timor Leste garantiu sua independência, tornando-se mais um país a fazer parte da ONU.

³¹ Ibidem. p,473.

³² Ibidem. p, 475.